

A criação artística e a divina*

Augusto Boal

Tempos atrás, um poeta neozelandês, religioso, quis se aprofundar no estudo da Bíblia... e levou um susto. Logo no primeiro livro, o Gênese, está escrito que, no primeiro dia da Criação, Deus criou a luz para poder ver com nitidez o que fazia e não se arrependeu depois. Fez-se a luz e Deus viu que a luz era boa. Iluminava. Até aí, tudo bem...

No segundo dia, criou o firmamento separado das águas, e lhe deu o nome de Céu, e viu que era bom; ótimo! Mais animado, no terceiro dia, separou a água da terra seca, criou árvores, frutos e sementes, e viu que tudo era bom, a terra e o mar, tudo da melhor qualidade; até aí, tudo continuava bem.

No quarto dia – cansado de tanta faina, ansioso pelo domingo! – Deus criou o dia e a noite, as estações do ano, criou o ano, o sol para que resplandecesse o dia, as estrelas para que

* Versão modificada da apresentação feita na mesa-redonda “A arte, a paixão e o sofrimento”, no V Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, de 15 a 17 de setembro de 2000, em Campinas, SP.

a noite não fosse tão escura como antes da Criação. Gostou de tudo, porque era tudo bom – é o que diz a Bíblia, que repete a palavra *bom* em cada frase.

No quinto dia, Deus encheu o mar de peixes e o céu de aves, suaves pombas da paz e águias carnívoras; para ajudá-lo a povoar as imensidões vazias, ordenou a peixes e aves que se multiplicassem – o que, aliás, todos e todas fizeram com muito gosto! – e Deus viu que tudo era boníssimo, o mundo cheio de bichos ferozes, comendo-se uns aos outros, muito bem, muito bom.

Foi aí que veio o sexto dia e Deus, exausto, observou a terra vazia, desolada, em comparação com o céu e o mar, cheios de bichos alvoroçados, e criou os animais que se arrastam pelo chão e os que se penduram nas árvores, minúsculas formigas e pesados paquidermes; alguns vegetarianos, mas a maioria comedora de carne viva, palpitante, sangrenta. Criou esses animais e viu que todos eram bons, o cão e o gato, o lobo e o cordeiro, a serpente e o passarinho, a formiga e o tamanduá. Comendo-se uns aos outros. Estraçalhando-se, trucidando-se imperturbáveis. Muito bons.

Analisando a sua obra, Deus teve um estalo repentino e se deu conta de que havia esquecido a coisa mais importante, e que era o centro do seu projeto inicial: tinha criado os coadjuvantes... mas faltava o protagonista. Preocupado, murmurou com seus divinos botões: “Agora mesmo, sem mais delongas, vou criar o Homem! Vou caprichar. Toda essa fauna e flora, geleiras e vulcões, tudo é diferente de mim – o homem, porém, será criado à minha imagem e semelhança! Igualzinho! Até ruga embaixo do olho ele vai ter, carranca de mau!”

Num átimo, aproveitando barro molhado jogado no chão, Deus criou o homem carnal e lhe soprou vida e alma pela boca. Vejam bem: toda a Criação – até os répteis mais rasteiros e as minhocas mais subterrâneas – Deus a fez a partir do nada, da sua simples vontade imaterial, abstrata. O homem, no entanto, foi o único ser... reciclado: foi feito do barro. Não podia dar certo. Não deu.

Já era o sexto dia e Deus, cansado, olhando o homem de alto abaixo, viu que não era nada disso que ele gostaria de ter feito. Ficou desolado, inconsolável, olhando Adão nu, magrinho, vesgo, de braços cruzados, esperando ordens: “O Senhor me fez pra quê, hein, doutor? Diga lá!” – disse o primeiro homem, que já nasceu reclamando.

“Que coisa mais sem graça!” – pensou Deus – “Que loucura que eu fiz! Onde foi que eu errei?!”

Domingo, como se sabe, é o dia do descanso divino e ainda havia muito a fazer antes que acabasse o sábado. Por excesso de trabalho, Deus, na primeira tentativa, havia feito o mundo muito bom, como diz a Bíblia, mas a *grosso modo*: primeira versão, rascunho, borrão.

Foi consertando, o que pôde, na medida das suas possibilidades, e foi percebendo erros infantis que tinha cometido; por exemplo: só depois de pronto, Deus se deu conta de que tinha criado o homem mas, por um lapso inexplicável – ou lamentável misoginia! –, tinha se esquecido de criar a mulher. Como já tinha gasto

toda a matéria-prima disponível, teve que reciclar outra vez: anestesiou o homem, tirou-lhe uma costela e, com esse osso encurvado, fez um verdadeiro milagre: inventou Eva! Graças a Deus – e eu digo isso literalmente, graças a Deus! – nós, os homens, felizmente não estamos sós!

Lendo a Bíblia, o poeta compreendeu que, apesar de termos sido feitos à semelhança de Deus, somos apenas sua imagem e não o próprio. Deus foi generoso, deu-nos uma inequívoca demonstração de boa vontade, porém não nos podia fazer exatamente como Ele, não se podia clonar a si mesmo – a clonagem ainda não tinha sido inventada naquelas épocas primais! –, e nos fez cópia infiel, quase caricatura. Somos sua imagem; infelizmente, não somos Deus.

Surge aí o problema do bom acabamento – Deus é todo-poderoso e, não fosse domingo seu dia de merecido descanso, teria aperfeiçoado a sua criação e feito de nós alguma coisa melhorzinha –, o que prova que a pressa é inimiga da perfeição. Depois desse únicos sete dias em que trabalhou de verdade, Deus resolveu tirar férias – é o que se deduz da Bíblia: depois desse primeiro esboço de mundo, consta que ficou só olhando, não fez mais nada, a não ser criticar e mandar dilúvios.

O poeta descobriu que Deus, além do mais, não tem existência corpórea – seria um limite e Ele não aceita finitudes. Nós somos sua imagem, carnal e perecível: temos um corpo. Ele, porém, não tem peso: é puro pensamento, Espírito sem carne, sem sangue nas veias e sem coração.

Como não tinha braços – é o poeta quem o diz e não eu, homem prosaico que sou! –, pediu ajuda aos artistas plásticos para que revelassem o mundo, não como Ele o criou, imperfeito, mas como teria sido nas suas divinas intenções frustradas.

Assim, o magnífico projeto inicial de Deus, imperfeito na sua realização, não seria perceptível nas coisas visíveis por Ele criadas, mas apenas na obra dos artistas que lhe dão o fino acabamento. Só na obra de arte surge a verdadeira idéia de Deus, seu plano piloto do mundo, seu projeto irrealizado pela pressa do fim de semana.

Deus tinha uma idéia clara sobre sons, silêncios, ruídos, porém não teve tempo de compor as partituras e pediu aos compositores para que fizessem a orquestração: a música seria a realização da idéia divina, apenas esboçada em timbres e melodias, notas e harmonias que andam vagando pelo espaço, aleatórias, esperando serem captadas por um gênio musical.

Deus, sem braços, pediu aos pintores que pintassem; aos escultores pediu esculturas; aos poetas, lirismos, e à épica Bíblia para explicar o inexplicável. Que história é essa de ficar contando primeiro dia, segundo dia, terceiro dia, quando os dias e as noites só foram inventados no quarto dia?

Deus nos deixou a nós, mortais inacabados, a tarefa de bem acabar o mundo. Para nosso infortúnio, Deus não teve tempo de inventar o Futuro e, contra nossa vontade, Ele nos outorgou total e plena liberdade, deu-nos essa coisa maravilhosa e

perigosa, o Livre Arbítrio, que é, a um só tempo, bênção e maldição. Ordenou que escolhêssemos nossos caminhos e, sem nos explicar o que era o Bem e o Mal, apenas nos proibiu de comer maçãs. Abricó e carambola, açaí e acerola, banana e melancia, tudo podia, menos maçã. Isso nunca!

O homem nu tinha fome, e a mulher nua ainda mais faminta estava... e com isso Deus não contava. E foi assim que, um dia... um belo dia... passeando pelos jardins do Éden, como quem não quer nada... quem diria?, Eva virou-se para o tímido Adão e falou, irritada e nervosa:

“Esse nosso Deus está ficando muito onipotente, sabe? Onipotente demais pro meu gosto! Quem é que Ele pensa que é??? Ora essa!!! Pior: eu tenho até a impressão de que está ficando meio onipresente – está em toda parte, espionando a gente! Sabe do que mais, oxente? Vamos fazer o que me der na veneta, viu, seu careta? Adão, não me diga que não!”

Adão, depois de muito pensar, resmungou: “Eu acho, viu...? Acho que... talvez... pensando bem... eu diria mesmo... que... de certo modo... quem sabe? Vendo sob esse aspecto... prisma... por esse ângulo... por sua vez... por outro lado...”

Para fazê-lo calar, Eva inventou o beijo na boca!

Bem, o resto da história vocês já conhecem: veio a serpente e perguntou: “Por que não?” Essa, como se sabe, é a pergunta mais perigosa que existe, a mais subversiva! Por que não, se eu quero sim!?

Não se perguntem nunca “Por que não?”... a menos que vocês queiram de verdade, queiram porque sim!

A paixão e a arte

Graças ao poeta neozelandês, fiquei pensando nas semelhanças entre a obra de Deus e a do artista. Será que Deus só se revela através da obra de arte? E o que é a arte?

Arte pode ser entendida de muitas maneiras. Eu prefiro dizer que a Arte, qualquer arte, é sempre um conjunto de sistemas sensoriais que permitem aos seres humanos – e só a eles! – fazerem *representações* do real.

A arte não *reproduz* o real: ela o *representa*. Mesmo o teatro, mesmo no seu mais extremo estilo naturalista, mesmo o diretor francês Antoine que, no começo do século, ao encenar uma peça cuja ação se passava em um açougue, comprava todos os dias carne fresca, mesmo Antoine criava uma distância estética: de um lado, o palco, suas formas, suas cores; do outro, espectadores. Mundos impenetráveis: um era a imagem do real; o outro, a realidade da imagem.

Mesmo os primeiros pintores rupestres que, nos tetos de suas cavernas, pintavam bisontes, leões e outros animais, mesmo eles sabiam que uma coisa é o real e, outra, diferente, sua representação pictórica: sem medo, o pintor cavernícola se

aproximava do chifre e do dente da fera, quando pintada, mas fugia assustado do seu modelo, solto no descampado.

As artes são representações do real, não são o real; mas que real é esse que elas representam? Existem artes, como a música, que organizam o som e o silêncio, no tempo. Existem artes, como a pintura, que organizam a forma e a cor, no espaço. E existem artes, como o teatro, que organizam ações humanas, no espaço e no tempo.

Se nisto consiste a Arte – na organização e na representação do real, e se o teatro representa ações humanas –, quais destas ações serão dignas da representação teatral? Evidentemente, só aquelas nas quais os seres humanos revelam suas paixões. Lope de Veja, escritor espanhol do Século de Ouro, costumava dizer que o essencial ao teatro são apenas dois atores, um tablado e... uma paixão.

Mas... o que é a Paixão? A Paixão, como a Arte, pode ser definida de muitas maneiras; eu prefiro dizer que a paixão é cada um dos sentimentos extremados dos quais o ser humano é capaz. O amor e o ódio, a busca de um ideal e a solidariedade fraterna, a curiosidade científica e a realização esportiva, podem ser paixões, se forem extremos. Até o artista, quando o é, é um apaixonado.

É preciso reabilitar a Paixão, restaurar seu sentido primeiro de força vital, danificado pela semântica que faz da palavra grega *pathos* a origem de *paixão* e *patologia*. Paixão não é sofrimento, não é doença: é vida! A Paixão do Cristo não foram as doze quedas, percalços no caminho do Calvário: Paixão era a sua determinação em realizar o desejo do Pai e salvar o ser humano do pecado original.

Quem vos fala não é um religioso: é um apaixonado! Sou um homem apaixonado pelas paixões, e juro que não são elas que causam meu sofrimento: são os obstáculos que entre mim e elas são erguidos.

Não é a paixão de Romeu e Julieta que os faz sofrer e lhes traz a morte: é o ódio voraz entre Montequios e Capuletos, suas famílias latifundiárias, sequazes e capangas, que lutam por mais terra e poder.

O obstáculo faz sofrer, a paixão vivifica! Foi a paixão do Che Guevara que o levou à felicidade cubana; foram os obstáculos imperialistas que o levaram à morte boliviana. Foi a paixão do Tiradentes que o levou à Inconfidência Mineira; foi D. Maria, a Louca, que o levou à forca!

A paixão faz sofrer, é certo, não, porém, porque seja paixão, mas porque é libertária!

O ser humano, na sua luta inclemente contra a Natureza, luta pela sobrevivência e pelo gozo, pelo desejo de fruir a vida tão fugaz – nosso direito e dever! –, torna-se extremado, rompe barreiras: o ser humano é urgente, pois que é mortal e a morte não espera – para adiá-la, as paixões existem, muitas e variadas. Só uma, porém, será a *paixão trágica*: aquela na qual o risco consciente que corre o apaixonado é a vida. Ele, ou ela, preza o objeto da sua paixão mais do que preza a vida.

A paixão, por ser libertária, procura reinventar a vida, recriar o mundo. É o rio que destrói as margens e fecunda a terra!

Somos apaixonados – por que, então, não somos trágicos? Nossa paixão, no dia-a-dia, nem se mostra nem se proclama. Passamos a vida estrangulando paixões, nossas e alheias. Disfarçando-as, escondendo-as – vestindo-as com paletó e gravata ou saia justa. A paixão verdadeira, no entanto, é nua – porque é total e plena, in-submissa! –, não pode respeitar regras, horários, conveniências, etiquetas. Explode! Arrebenta!

No extremo oposto à Paixão Trágica, está o Amor Palhaço. Um sentimento é extremado quando não teme a morte. O Palhaço não chega a tanto, não enfrenta o mundo: ele apenas o desorganiza. Por meio do seu próprio ridículo, expõe o dos outros – o nosso! – que, sem o palhaço, passaria despercebido, tão resignados estamos ao nosso próprio ridículo: já não o vemos. Somos todos palhaços, mas o mundo inteiro é um picadeiro, e não existe platéia neste circo: todos atuam. Eis que surge o palhaço verdadeiro – surge vestido de palhaço: é ele a nossa consciência crítica! Nós o aceitamos porque tem o nariz vermelho.

É isso o teatro: é a paixão trágica e é o amor palhaço. Ela justifica nossa vida; ele corrige nosso trajeto!

O artista louco e o louco artista

25

Mas o que faz o artista quando pretende corrigir a obra de Deus ou, pelo menos, interpretar seus desígnios? Ou, se não os d'Ele, se n'Ele não crê, os da Natureza? Fazendo arte, o artista faz uma loucura: imita e corrige Deus – dentro dos limites do bom senso, vigiado pelo palhaço que traz em si. E o que faz o louco, fazendo o mesmo, quando delira? Faz arte. O louco é o artista trágico, sem os limites do palhaço, que desconhece. O louco não teme o palhaço, que a nós assusta.

O artista e o louco buscam o mesmo fim: ordenar o caos, buscar sentidos. Foi o que fez Deus logo no primeiro dia da Criação. Diz a Bíblia: “No princípio era o Caos e Deus disse: ‘Acendam-se as luzes!’” E viu-se o invisível. Quando Van Gogh pinta arbustos balançando ao vento, Van Gogh pinta o vento: faz-nos ver o invisível, como Deus. Quando Beethoven cria uma sinfonia, faz-nos ouvir o silêncio – ouvir o inaudível. Quem, se não Deus, faria o mesmo?

O artista e o louco buscam dar um sentido à vida e à Natureza que, como sabemos, não têm sentido.

A Natureza é cruel, impiedosa, como trabalho inacabado que é, imperfeito rascunho. Vai em frente, vai às tontas, como cego em tiroteio. Nela, a bondade não existe – não viceja como flor silvestre. É verdade que os animais protegem os filhos, pelos quais demonstram sentir coisa parecida ao nosso humano amor, nosso carinho;

mas a mesma fêmea que afaga a cria, estraçalha filhotes de outros bichos, estraçalha vidas. Na Natureza, o gordo come o magro, o forte engole o fraco. Isso não é bom!

Sabemos que, verdade terrível, neste mundo mal-acabado, a vida se alimenta da morte: temos que comer e, para comer, temos que matar – couve-flor ou cabrito: matamos para que matem nossa fome. Estar vivo é apenas ainda não estar morto! “Cadáver adiado que procria” – disse o poeta Pessoa.

Neste mundo de rancor e ódio, trancos e barrancos, a bondade é uma invenção humana. Tem que ser ensinada e aprendida: por isso, temos necessidade de artistas e de loucos – para que nos mostrem outros caminhos possíveis, além das sendas já trilhadas, o vai e vem da mesma rua. Para que nos mostrem os desígnios de Deus ou os propósitos da Natureza. Que os inventem, que façam desabrochar a Natureza, guiada por outra invenção humana: a Ética.

Minha mãe, cheia de sabedoria, já repetia o saber popular: de artista e de louco, todos nós temos um pouco. Fosse viva, hoje diria, na sua infinita sabedoria: de artista, de Deus e de louco, todos nós temos um pouco!

Pelo amor de Deus, não curem nunca nossos loucos – apenas aliviem sua dor. Pelo amor aos loucos, não abandonem pela metade o inacabado trabalho de Deus: avancem precipício adentro. Pelo amor à Humanidade: sejamos todos artistas, sejamos todos loucos.

Sejamos loucos artistas, sejamos artistas... loucos.

A pedagogia do medo

Trinta dias depois da tragédia americana, o ataque ao World Trade Center, comecei uma oficina no *Theatre of the Oppressed Laboratory*, em Nova York. Sou consciente de que nossas técnicas teatrais provocam, sempre, intensa sensibilização dos participantes; estando os seis mil mortos soterrados tão perto de nós, no tempo e no espaço – mortos havia um mês; soterrados a dois quilômetros da sala onde trabalhávamos! – tive o cuidado de não provocar emoções maiores, dolorosas.

Para surpresa minha, nos dois primeiros dias da oficina tratou-se apenas de temas habituais: racismo, desemprego, sexismo, solidões diversas. Sobre as torres, silêncio. Tão violento teria sido o trauma, a ponto de que ninguém desejasse lembrá-lo, para não reviver o pânico?

No terceiro dia, durante um exercício simples – a *máquina de ritmos*, em que os atores fazem, com o corpo e a voz, ritmos que ilustrem um tema; neste caso, a cidade de Nova York! –, notei que três pessoas choravam em secreto silêncio. A seguir, na construção das cenas, surgiu o tema da perda de identidade, de maneira imprecisa, vaga. Uma jovem contou sua história: criada por sua avó, depois de vinte anos reencontrou sua mãe biológica e não a reconheceu como mãe – filha sem mãe.

Outra, portadora do vírus, desejava um filho, proscrito pelos médicos: mulher, proibida de ser mãe. Quem seriam a não-filha e a não-mãe?

Surgiram depois temas nublados em que se questionava a invulnerabilidade nacional: a guerra tinha sido, até as torres, sempre longe de casa, estrangeira; agora, tornava-se visível nos escombros fumegantes, e malcheirosa no estranho odor que trazia o vento, semanas depois da queda.

Primeiro, em Nova York; depois, na Michigan University, as histórias foram se tornando mais precisas. Em uma *república*, um estudante queria ver, na TV, reportagens sobre a guerra; seus companheiros preferiam o basquete e o boxe: queriam ignorar o que acontecia, como a metade dos eleitores havia ignorado as últimas eleições presidenciais. Márcia, professora, queria explicar aos seus alunos que a Revolução Francesa não tinha acontecido nas enciclopédias, mas sim em ruas; Bastilha, feita de pedras, com pesadas pedras tinha sido derrubada, não com elegantes desenhos em livros acetinados. Márcia queria que seus alunos soubessem que o país vivia um crucial momento histórico: aquela montanha de mortos do *World Trade Center* era a História Viva! Seus alunos não queriam ouvi-la!

Um baterista parou de tocar; ele se perguntava para que serviria a música, se não explicava o ódio, não impedia o medo. Buscava, no teatro, a razão do artista. Temia a culpa que pudesse ter: quantos crimes verdadeiros – massacres de alunos e professores por um colega da escola, entre outros doentios exemplos – não haviam sido inspirados pela sedutora ficção de filmes de terror e violência?

Durante a oficina, um cientista político foi à TV afirmar que cada jovem norteamericano de catorze anos terá visto, nas telas, pelo menos 14 mil assassinatos: metralhadoras, bombas e granadas, pontes que explodem – é este o cardápio da maioria dos filmes de Hollywood. Nova York já havia sido destruída, em filmes, por gigantescos gorilas ou mal-encarados alienígenas, antes que o fosse por aviões-bomba. O baterista se perguntava: “Depois das torres, como será possível ver um filme de John Wayne matando *nativos* pelo retrovisor do carro? Ver *Rambo* e James Bond, sem que a platéia morra de rir, ou ranja os dentes de ódio?”

Em nosso laboratório teatral, oficinheiros se assustavam diante de tantas dúvidas: qual o preço, em dólares, de uma bomba ou de um foguete balístico? Quem os fabrica, quem os paga, e para quem vão os lucros? Seria verdade que as ações das indústrias bélicas estariam em vertiginosa alta nas Bolsas? Como terá sido possível, sem ajuda interna, que dezenove terroristas tenham passado despercebidos em dois aeroportos ultramodernos? Seria McVeigh, de Oklahoma, um caso singular, ou apenas um entre tantos neonazistas enlouquecidos que andam por lá? Se foi o terror biológico engendrado por desvairados assassinos de Trenton, como se suspeita e se teme, terão as Forças Armadas o dever isonômico de bombardear New Jersey e sua população inocente, como bombardeavam Cabul e suas mulheres vestidas de sarcófagos ambulantes?

Depois dos questionamentos pessoais, surgiram outros mais abrangentes, surgiram dúvidas sobre economia e política. Os oficineiros se espantavam com o próprio desconhecimento da História recente. Não tinham acesso a informações confiáveis. Por que razão as *provas* – se é que existiam! – só haviam sido mostradas, na íntegra, aos líderes de alguns países de fala inglesa, e não a todos nós?

Assustavam-se diante dos muitos medos: depois do antraz virá a varíola? Depois das torres, o Empire State Building, a ponte de São Francisco, a Estátua da Liberdade e a Casa Branca? É angustiante viver quando se tem medo de abrir uma carta...

A verdade é terapêutica; constatei, fazendo Teatro do Oprimido, o espantoso poder da Pedagogia do Medo: jovens aprenderam a ver o mundo além de suas fronteiras. A ver que era verdade, sim, que os Estados Unidos salvaram o mundo do nazismo, era verdade; que ajudaram a reconstrução da Europa com o Plano Marshall, era verdade! Mas também era verdade que suas agências de espionagem semearam a morte e a destruição em países na América do Sul e do Centro; na África, na Ásia e até na Europa.

A verdade é terapêutica: jovens, usando o teatro, o diálogo, queriam conquistá-la. Perplexos, buscavam sua verdadeira identidade, escamoteada pelo mentiroso discurso político patriótico e pela mídia censurada.

Antes de voltar ao Brasil, fui visitar o local do crime, câmara descartável em punho. Lá, vendiam-se, às dúzias, bandeiras nacionais e pôsteres das torres, ainda de pé. O *World Trade Center* sempre foi um admirável local de visitas turísticas: continua sendo!